



Há uma década, a reserva do Morro do Diabo no Estado de São Paulo era apenas uma proposta no papel. Hoje, tornou-se realidade graças aliança entre donos de terras e assentados

Sem-terra e fazendeiros firmam parceria

Engenheiro florestal reúne adversários históricos em projeto de preservação da Mata Atlântica no Pontal do Paranapanema

Continuação da 1ª página

MARCOS SÁ CORRÊA
Especial para o JB

O engenheiro florestal Lauren Cuellen Junior passará a Semana Santa polindo o curso sobre preservação do urso panda, que dará na China no mês que vem. Antes, poderá ser encontrado em Teodoro de Oliveira, no oeste paulista, apadrinhando um convênio entre a fazenda Rozanella e famílias de sem-terra, para cultivar um pedaço da propriedade que será devolvido à mata.

Os agricultores pularão pacificamente as cercas do fazendeiro Vicente Felipe de Carvalho, para ajudá-lo a cumprir a legislação ambiental, livrando-se das multas e dos incêndios que lambem a propriedade regularmente. Pegarão uma área degradada e devolverão daqui a três anos um bosque de ipê, cedro, peroba, angico e outras árvores típicas da região, escolhidas entre as espécies mais atraentes para aves, insetos e morcegos, agentes voluntários de reflorestamento.

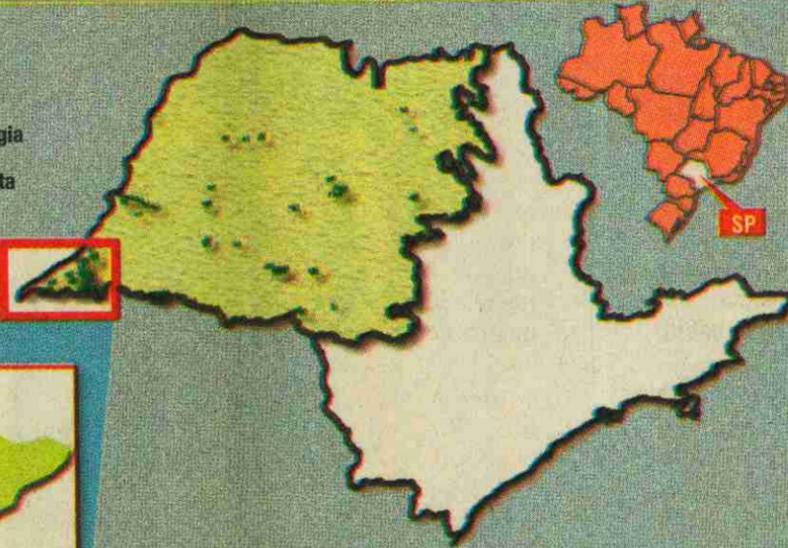
Enquanto as árvores crescem, os sem-terra podem colher algodão e feijão entre as mudas da Mata Atlântica. Não é engano: trata-se mesmo de uma parceria para invasão de terras entre um fazendeiro e a turma do MST em pleno no Pontal do Paranapanema. Por quê? "Porque é bom para os dois lados", responde Laury.

No dia 10, ele desembarcou em Londres com uma jaqueta cáqui visivelmen-

O resgate da Mata Atlântica



Lauren Cuellen Junior ganha Oscar da Ecologia com projeto de recuperação da floresta



PONTAL DO PARANAPANEMA



A ONG Ipê cobriu de pontos verdes 300 hectares estrategicamente localizados na região do Pontal, no Estado de São Paulo. Assentados ajudam fazendeiros a plantar cedro, peroba, ipê e outras árvores típicas. Fazem uma poupança ecológica que atrai cada vez mais interessados

te inadequada para o frio e a chuva do fim de inverno inglês. "Era o casaco do meu pai", explicou. Enterrara havia duas semanas o dentista Laury Cuellen, que o ensinou a caçar ainda menino nas últimas manchas de floresta do Estado de São Paulo. Laury já estava no curso de engenharia florestal da USP quando, juntos, mataram uma corça. Na barriga do bicho estava um filhote, quase pronto para nascer, e o futuro ambientalista

nunca mais caçou.

Anos depois seu pai o ajudaria a restaurar o dente de uma onça-preta, derubada com anestésicos na Reserva Biológica do Morro do Diabo, para se engajar como recruta num programa de salvação da espécie. São as onças, monitoradas por rádio, que desenham com suas andanças pelos pastos da vizinhança os roteiros para o reflorestamento no Pontal do Paranapanema.

Quinta-feira, dia 14, Laury ganhou o *Whitley Gold Award*, o maior prêmio da Inglaterra para a conservação da natureza. Entregue por Sua Alteza Real num auditório coroado com uma tiara dourada de nomes ilustres, cobrindo a história das explorações britânicas desde o navegador James Cook ao pioneiro do Everest, Edmund Hillary, o diploma fez duas mudanças instantâneas na vida do pesquisador, que vive com R\$ 2,4 mil por mês

"ou "mil dólares", como ele diz, trabalhando para o Instituto de Pesquisas Ecológicas, uma ONG ambientalista que cresceu em sua companhia.

No dia seguinte, sob uma fotografia que atravessava a página, o jornal *Independent* dava o resumo da história: "50 mil libras para o homem que dá à onça a mancha perfeita". Mancha, no caso, não é só a do pelo. Serve também para descrever os 300 hectares pontos verdes estrategicamente localizados, que ele já espalhou pelo mapa de São Paulo.

Trocando o Whitley em miúdos, Laury voltou ao Brasil no dia 18 com a mesma roupa do embarque, rebarbando todas as insinuações para tomar um banho de loja. Em compensação, trazia quase R\$ 170 mil no bolso. Mas isso é o de menos. Nos dias em Londres, mal lhe sobrou tempo para outra coisa além de audiências e entrevistas. Lá, o Instituto de Pesquisas Ecológicas, Ipê para os íntimos, é assunto jornalístico. Tanto que acabam chegando às redações brasileiras os ruídos de seu sucesso em inglês. Como disse em seu discurso a princesa Anne, os premiados do Whitley são, antes de mais nada, "grandes comunicadores", gente capaz de convencer os outros a fazer coisas que nunca imaginaram antes. Para alguém como Laury, que acabara de gaguejar no palco, não poderia haver melhor atestado de que é dono de uma boa história.

Continua na página 4

Dois sonhadores conquistam o Pontal

Um engenheiro e um ex-executivo criam ONG, atraem o MST, redescobrem o mico-leão-preto e reflorestam parte da região

Descendente de imigrantes conferidos que vieram para o Brasil fazer a cidade de Americana no fim da Guerra de Secessão, Laury Cuellen Junior fez o trânsito de caçador para a engenharia florestal sem grandes solavancos. Em 1989, no último semestre do curso, candidato a um estágio no Morro do Diabo, chegou ao Pontal do Paranapanema.

Naquele tempo, a região começava a se transformar em *front* do MST, depois de ter sido por três décadas uma das mais famosas escolas de degradação ambiental já fundadas no País. Há pouco mais de 60 anos, aquilo era uma floresta praticamente contínua, que costurava a fronteira de São Paulo com o Paraná. O botânico sueco Alberto Loeffgren, protomártir do ambientalismo brasileiro, sugeriu a criação de uma reserva na região em 1905. Foi ouvido em 1941, quando o interventor Fernando Costa usou a munição do Estado Novo para desapropriar 3 mil quilômetros quadrados de títulos grilados no oeste paulista.

Costa morreu em 1946, durante a campanha para governador. E "outra mão veio para o leme, dessa vez a de um pirata", conta o historiador Warren Dean num tratado de como o Brasil perdeu a Mata Atlântica. Com a palavra seu livro *A Ferro e Fogo*: "O governador Adhemar de Barros, eleito com o apoio dos prefeitos do noroeste, demonstrou sua gratidão renunciando à propriedade estadual sobre quase a metade da reserva do Pontal, permitindo que a mesma fosse atravessada por uma ferrovia e adjudicando um contrato para fundar ali uma colônia de imigrantes. Faixas de terra invadidas eram vendidas e revendidas, e mesmo doadas a conselhos municipais, para conquistar aliados na tarefa de legitimação".

O papel do mico - Foi naqueles 370 quilômetros quadrados de reserva sitiada que há cerca de 30 anos o primatologista Adhemar Coimbra Filho identificou os últimos exemplares do *Leontopithecus chrysopygus*, o mico-leão-preto, um bicho que os naturalistas haviam confinado ao panteão das espécies extintas. Foi o mico que levou Laury ao Pontal. Ou melhor, para estagiar com o biólogo Claudio Pádua, que estudava os animais desde 1983. Antes, o mico-leão-preto não passava de uma curiosidade local.

Claudio Pádua fora parar no Morro do Diabo pelo mais longo dos atalhos. Ele tinha 30 anos, mulher - a mesma Suzana que o acompanha até hoje -, o primeiro dos três filhos e um cargo de presidente na indústria farmacêutica quando se convenceu de que não havia nascido para ser executivo. Ele é um mineiro que não altera a voz nem para falar à platéia da Royal Geographical Society, com a princesa Anne e um bom naco do PIB inglês sentados nas poltronas de couro do Ondaatje Theatre.

Seu avô, Benedito Valadares, foi um mitológico cacique político. Como Laury, ele também caçava nas fazendas da família. E mesmo agora, depois de vinte e tantos anos de militância ambiental, continua sendo um dos raros brasileiros que confessa ter lido, de cabo a rabo, todos os volumes da coleção *Caçando e Pescando por todo o Brasil*, de Francisco do Barros Júnior.

Barros Júnior tratava a natureza à bala. Mas seus livros são um verdadeiro manual de saudades do Brasil. Os arredores do Pontal, que trillhou nos anos 1930, eram um território quase virgem de "possibilidades maravilhosas para caça grossa, incluindo onças muito abundantes naquelas matas colossais, que se estendem por milhares de quilômetros quadrados nas margens do Rio Paraná". Quem leu Barros Júnior pelo menos sabe, de memória, que o Brasil não é exatamente isto que está aí.

Ao largar o emprego de administrador de empresas para voltar à universidade como estudante de Biologia, em curso noturno, Claudio Pádua estava ficando rico. Tinha carro esporte, poupança, ações, Fundo de Garantia, casa no Rio de Janeiro e projeto de comprar um barco. Desfez-se de tudo para bancar a traves-



Fotos de divulgação



União de sem-terra e fazendeiros, em região de conflito agrário de São Paulo, rende a Lauren Cullen Junior prêmio mundial entregue pela Princesa Anne, em Londres. Para entender a região, o descendente de americanos conviveu em acampamentos do MST e até invadiu fazendas. Hoje orgulha-se de viver numa Arcádia caipira

e seu conforto aumenta. Há 40, 50 lotes mais próximos ao asfalto que servem de vitrine. Quem passa na estrada vê que a paisagem é melhor coberta de árvores".

Na festa da Royal Geographical Society, Laury respondeu com uma palavra a pergunta sobre o que os sem-terra ganham com isso: "Orgulho". A seu ver, eles aprenderam a ter orgulho de morar num cenário que aos poucos vai ficando mais parecido com a imagem que ele anos atrás projetava para as assembleias de assentados, mostrando um Pontal idealizado, quase uma Arcádia caipira, em que as casas, os açudes, os pastos e as plantações apareciam cercados de bosques imaginários.

É o Pontal que estava na cabeça de Claudio quando, no começo dos anos 1990, recebeu a visita de um pesquisador inglês. Chegou ao Morro do Diabo sem avisar, precedido pela fama de ser um milionário, herdeiro de uma indústria de cerveja que estava investindo a fortuna da família em projetos cada vez mais distantes de seu ramo empresarial. Chamava-se Edward Whitley. Vinha apurar o capítulo brasileiro do livro *Gerald Durrell's Army*. Claudio recebeu-o de má vontade. Instalou Edward num beliche, onde os mosquitos devoraram o hóspede durante a noite. "Meu rosto e meus braços ardiem com as pesadas aplicações de suco da floresta", ele relata. As quatro da madrugada, foi tirado da cama para visitar o *Leontopithecus chrysopygus*. Achou-o "do tamanho de um filhote de gato, a cabeça grande com uma juba de leão penteada e perfeita divisão no meio. Os dedos eram longos e artísticos e seguravam o galho levemente". Gravou no livro uma im-

pressão definitiva do primeiro encontro: "Pense nisso". Claudio me disse: "Nós estamos entre as últimas pessoas a termos visto estes animais antes que eles se extingam."

Dez anos depois, o mico-leão-preto está mais longe do que estava. E o Ipê, que fazia as primeiras reuniões da equipe no quarto dos Pádua, porque a cama do casal era o único lugar onde cabiam todos os pesquisadores, hoje emprega 40 pessoas, com 12 mestres e quatro doutores, em cinco sedes diferentes, de Superagüi, no Paraná, a Manaus, no Amazonas.

Claudio, que ganhou o *Whitley Gold Award* em 1997, este ano levou as 30 mil libras da categoria *Continuation*, reservada aos veteranos no palco da Royal Geographical Society. Isso, na mesma noite em que Laury emplacava o grande prêmio, com o auditório coalhado de finalistas de Cuba, Guatemala, Sri Lanka e Ilhas Maurício. Dava a impressão de que desta vez a cerimônia do Whitley era uma festa brasileira, não fosse o sotaque de Sua Alteza Real e a ausência de representantes do governo brasileiro na platéia. (M.S.C.)

sia e nem por isso se livrou de turbulências, como luz cortada em casa por atraso no pagamento. Mas seu currículo tornou-se tão suculento que hoje é difícil seguir suas pegadas por cidades como Londres sem pisar nos tapetes mais exclusivos da cidade. Por exemplo, os de John Laing, um construtor de estradas de ferro, aeroportos, usinas e condomínios residenciais, cuja firma tem quase oito mil empregados e movimentou mais de um bilhão de libras no ano passado. Os Laing são grandes doadores do prêmio Whitley, que este ano distribuiu o equivalente a R\$ 2,3 milhão.

Como um foragido das grandes empresas pode dar tamanha volta por cima trabalhando com micos no Morro do Diabo? Bem, o santo de Claudio só não faz milagre em Brasília, onde até hoje dá aulas de Biologia. Assim que saiu da faculdade, largou um salário melhor no serviço público para entrar na equipe do Centro de Primatologia do Rio de Janeiro, onde Adhemar Coimbra Filho não só o encaminharam para trabalhos de campo no meio do mato como lhe "abriu as portas do mundo".

Graças ao prestígio internacional de Coimbra, foi um dos primeiros ambientalistas a se formar em Jersey, na Inglaterra, num centro criado à sombra do naturalista, conservacionista, documentarista, maratonista, poeta e cachaceiro Gerald Durrell, o que haveria de levá-lo ao Whitley.

Mais tarde, por recomendação de Russell Mittermeyer, presidente da Conservation International, fez o doutorado em conservação da natureza na Universidade da Flórida, um ninho de ecologistas. E por uma prima, a diretora de Meio Ambiente das Centrais Elétricas de Furnas, Maria Teresa Pádua, seria apresentado ao mico-leão-preto, tido como extinto durante 70 anos, até ser reconhecido por Coimbra Filho no inventário do Morro do Diabo.

Claudio pisou pela primeira vez na reserva às vésperas do Natal de 1983. Dez anos depois de desencarnar como executivo estava se instalando nu-



Cláudio Pádua orgulha-se do ambiente que recuperou para o mico-leão-preto



ma cabana de madeira dentro da reserva, com 40 caixas de mudança, três filhos e uma ex-decoradora no Rio de Janeiro que levou meses para parar de chorar. Para aderir definitivamente à conversão do marido, Suzana teria de voltar os Estados Unidos para se formar em Educação Ambiental, largando pelo meio um curso de História da Arte. Agora é ela quem toca o Ipê.

A ONG é, portanto, o resultado de uma prodigiosa empreitada de conciliação. Não admira que tenha acabado se aliando aos sem-terra, que lhe ofereceram a mais desconfiada das recepções no Pontal do Paranapanema. Que o diga Laury Cuellen. O Ipê, criado em 1993, sequer existia quando ele surgiu por lá,

atrás de um estágio. Mas a pesquisa com o mico-leão-preto, que continua até hoje, já era famosa no circuito acadêmico.

Divisão de funções - Houve uma troca de guarda. Claudio foi para os Estados Unidos terminar o doutorado. Laury ficou na retaguarda, procurando outras famílias de mico-leão-preto que sobreviviam ao deus-dará em pedaços de mata fora da reserva. "Foi assim que localizamos mais oito populações da espécie." Por suas contas, há 800 micos dentro do parque. E 200 espalhados pelo Estado de São Paulo, entrancheados nos farrapos de florestas que salpicam o Pontal e municípios do interior.

Foi daí que o Ipê tirou a inspiração de costurar os retalhos de Mata Atlântica no oeste paulista, pespontando os campos abertos em propriedades alheias com linhas de árvores. Mas a ideia, além de atravessar pastos, tinha de transportar latifundiários e sem-terra, adversários em tudo, menos na reserva florestal. O jeito, lembra Laury, foi aprender a conversar com o MST. "Passei a visitar assentamentos. No começo, dizia: 'Claudio, essa gente vai acabar com tudo'. Depois, participei até de invasões de fazendas, para ver como aquilo funcionava."

Laury e os sem-terra acabaram fazendo uma catequese recíproca. Cinco ou seis anos depois, há 17 viveiros comunitários nos assentamentos, implantados com assistência técnica do Ipê. Deles saem 40% das mudas usadas na região, que viraram fonte de renda para os agricultores. São eles que vendem árvores para os fazendeiros atuados por infração ambiental, por derrubar as reservas legais.

Como os sem-terra puderam mudar tanto? "Foi uma virada progressiva, de baixo para cima. Um dia convencíamos um pequeno agricultor a plantar árvores para fazer uma poupança verde e sacar quando precisasse de madeira. Tempos depois, os vizinhos notavam as terras estavam diferentes. Aos poucos, iam se interessando pela restauração das matas, porque tornam os lotes mais bonitos

O Ipê costurou os retalhos da Mata Atlântica no oeste paulista, pespontando os campos abertos em propriedades alheias com linhas de árvores